

# Uma tragédia institucional

Por **Murillo de Aragão** - 14 de janeiro de 2023

---



A depredação dos palácios no Distrito Federal, no domingo 8, é o ponto mais baixo a que nossa democracia chegou desde o seu restabelecimento. O fato se soma a uma sequência de episódios grotescos, como o vandalismo na capital do país no dia da diplomação do presidente eleito e a tentativa de explodir uma bomba no aeroporto de Brasília.

As imagens terríveis de milhares de pessoas caminhando pela Esplanada dos Ministérios sem enfrentar praticamente nenhuma oposição, com o intuito de depredar os palácios dos três poderes, me lembrou o cenário da Argentina, que poderemos repetir aqui, se não tivermos juízo e responsabilidade. Lá, periodicamente, existem saques, depredações, desvalorização cambial e protestos imensos por causa dos descaminhos econômicos e institucionais.

O que pode acontecer no Brasil a partir da violência perpetrada no domingo? Depende basicamente da reação das instituições e da sociedade. Ficou claro que houve incompetência generalizada, leniência e omissão por parte de autoridades. Na situação em que vivemos, a mistura de omissão, incompetência e delírio é explosiva, ainda que não resulte em nada revolucionário. São expressões de desapego à democracia, ignorância cidadã e escolhas erradas que podem trazer muita intranquilidade. O novo governo não soube defender as instituições.

A democracia sai fortalecida do episódio, já que setores radicais de oposição ficaram desmoralizados. O ex-presidente, pela postura pouco assertiva em relação ao ocorrido (e, muitas vezes, ambígua), se apequenou como liderança política.

“As invasões em Brasília fortalecem politicamente Lula e atingem mortalmente o seu opositor”

O ocorrido não seria jamais uma Queda da Bastilha. Não passa de uma revolta contra as regras que determinaram o resultado eleitoral. Foi também uma demonstração de precária autocrítica, visto que os derrotados, pela soma industrial de equívocos, “entregaram” a eleição para os vitoriosos, ainda que por uma margem apertada. Os inconformados com a derrota deveriam se revoltar é contra os aliados que jogaram granadas em policiais e perseguiram pessoas com pistola pelas ruas de São Paulo, dando vazão a discursos lunáticos. Querem queimar o sofá como se ele fosse o culpado pela traição.

Ao fim e ao cabo, a derrota autoinfligida acabou culminando na passeata de insensatos, sob o olhar complacente das autoridades. As insatisfações com o processo político são legítimas, até que deixem de se expressar de forma legal. A prática da violência como expressão política deveria gerar um cancelamento perante o mundo institucional.

No campo prático, o ocorrido forneceu uma narrativa que justifica muitas decisões do Judiciário, arbitrárias ou não, no enfrentamento de radicais. Se alguém tinha dúvida sobre a periculosidade deles, não há mais. Para piorar para o lado da oposição, os vândalos e criminosos de 8 de janeiro outorgaram ao presidente Lula o título de “campeão da democracia”, sob os aplausos do mundo democrático e não democrático. Até Vladimir Putin se solidarizou com ele!

Em um contexto paradoxal, o presidente estava emparedado por seu discurso ambíguo e retrógrado na economia. Lutava para controlar ministros que, boquirrotos, faziam planos de governo sem combinar com o chefe. Em meio a dificuldades, as invasões em Brasília fortalecem politicamente Lula e atingem mortalmente o seu maior opositor.

Publicado em VEJA de 18 de janeiro de 2023, edição nº 2824

## Murillo de Aragão

Murillo de Aragão é advogado, jornalista, professor, cientista político e presidente da Arko Advice Pesquisas e sócio fundador da Advocacia Murillo de Aragão. É formado em Direito pela Faculdade de Direito do Distrito Federal (UniCEUB), é mestre em Ciência Política pela Universidade de Brasília e doutor em Sociologia (estudos latino-americanos) pelo Ceppac – Universidade de Brasília. Entre 1992 e 1997 foi pesquisador associado da Social Science Research Council (Nova York). Foi membro do “board” da International Federation of the Periodical Press (Londres) entre 1988 e 2002. Foi pesquisador da CAPES quando doutorando no CEPAC/UnB. É membro da Associação Brasileira de Ciência Política, da American Political Science Association, da Internacional Political Science Association, da Ordem do Advogado do Brasil (Distrito Federal) e do IBRADE - Instituto Brasileiro de Direito Eleitoral. Foi membro do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social da Presidência da República (2007 - 2018). Como membro do Conselho, foi chefe de delegações do organismo na Rússia, BRICs e Comunidade Européia. Como palestrante e analista político, Murillo de Aragão proferiu mais de duas centenas de palestras, nos últimos 20 anos, em Nova York, Miami, Londres, Edimburgo, São Francisco, San Diego, Lisboa, Washington, Boston, Porto, Buenos Aires, Santiago, Lima, Guatemala City, Madrid, Estocolmo, Milão, Roma, Amsterdã, Oslo, Paris, entre outras, para investidores estrangeiros sobre os cenários políticos e conjunturais do Brasil. Aragão lecionou as matérias “Comportamento Político” e “Processo Político e Legislação” no Departamento de Ciência Política da Universidade de Brasília. Foi professor visitante da Universidad Austral, Buenos Aires e consultor do Banco Mundial. É professor-adjunto da Columbia University (Nova York). Em 2017, foi convidado para ser professor-adjunto na Columbia University (Nova York) onde leciona a cadeira “Sistema Político Brasileiro”. É autor e autor de seguintes livros: Grupos de Pressão no Congresso Nacional (Maltese, 1992), ‘Reforma Política – O Debate Inadiável (Civilização Brasileira, 2014) e Parem as Maquinas (Sulina, 2017). É colunista de opinião da revista Isto É, e do jornal, O Estado de São Paulo.

[View all posts](#) 

---

## Murillo de Aragão

Murillo de Aragão é advogado, jornalista, professor, cientista político e presidente da Arko Advice Pesquisas e sócio fundador da Advocacia Murillo de Aragão. É formado em Direito pela Faculdade de Direito do Distrito Federal (UniCEUB), é mestre em Ciência Política pela Universidade de Brasília e doutor em Sociologia (estudos latino-americanos) pelo Ceppac – Universidade de Brasília. Entre 1992 e 1997 foi pesquisador associado da Social Science Research Council (Nova York). Foi membro do “board” da International Federation of the Periodical Press (Londres) entre 1988 e 2002. Foi pesquisador da CAPES quando doutorando no CEPAC/UnB. É membro da Associação Brasileira de Ciência Política, da American Political Science Association, da Internacional Political Science Association, da Ordem do Advogado do Brasil (Distrito Federal) e do IBRADE - Instituto Brasileiro de Direito Eleitoral. Foi membro do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social da Presidência da República (2007 - 2018). Como membro do Conselho, foi chefe de delegações do organismo na Rússia, BRICs e Comunidade Européia. Como palestrante e analista político, Murillo de Aragão proferiu mais de duas centenas de palestras, nos últimos 20 anos, em Nova York, Miami, Londres, Edimburgo, São Francisco, San Diego, Lisboa, Washington, Boston, Porto, Buenos Aires, Santiago, Lima, Guatemala City, Madrid, Estocolmo, Milão, Roma, Amsterdã, Oslo, Paris, entre outras, para investidores estrangeiros sobre os cenários políticos e conjunturais do Brasil. Aragão lecionou as matérias “Comportamento Político” e “Processo Político e Legislação” no Departamento de Ciência Política da Universidade de Brasília. Foi professor visitante da Universidad Austral, Buenos Aires e consultor do Banco Mundial. É professor-adjunto da Columbia University (Nova York). Em 2017, foi convidado para ser professor-adjunto na Columbia University (Nova York) onde leciona a cadeira “Sistema Político Brasileiro”. É autor e autor de seguintes livros: Grupos de Pressão no Congresso Nacional (Maltese, 1992), ‘Reforma Política – O Debate Inadiável (Civilização Brasileira, 2014) e Parem as Maquinas (Sulina, 2017). É colunista de opinião da revista Isto É, e do jornal, O Estado de São Paulo.

---

